

11

Ernesto Fantini

Chegada a vez de Ernesto, que tomou a poltrona de analisando algo desconcertado, o Instrutor formulou as explicações anteriores, solicitou-lhe articular perguntas e acendeu o espelho de gravação.

Fantini, um tanto mais à vontade, iniciou o interrogatório:

— Posso falar, como se estivesse realmente morto, como me fazem crer?

O mentor sorriu, ao escutar aquela frase de materialista inteligente, e objurgou sem aspereza:

— Fale tudo o que deseje, na convicção de que a teoria do *como se* está longe agora de nós. Estamos efetivamente desencarnados, encontrando a nós mesmos...

— Instrutor, se deixei meu corpo na Terra, sem lembrar-me disso, não é o caso de ter voltado ao ambiente natural do Espírito, com a obrigação de retomar a memória do tempo em que vivia, na condição de Espírito livre, antes de envergar, entre os homens, o corpo de que me desfiz? por que motivo isso não acontece?

— A existência no carro físico, além de ser um estágio para aprendizagem ou cura, resgate ou tarefa específica, é igualmente um longo mergulho no condicionamento magnético, em que agimos, no mundo, induzidos ao que nos cabe fazer. O livre arbítrio, na esfera da consciência, permanece vivo e intocado, porquanto, em quaisquer posições, a criatura encarnada é independente

para escolher os próprios rumos; no entanto, as demais potências da alma, no período da encarnação, jazem orientadas na direção desse ou daquele trabalho, segundo os propósitos que tenha assumido ou que tenha sido constrangida a assumir.

Isso determina o obscurecimento das memórias pregressas que, aliás, não é senão um fenômeno temporário, mais ou menos curto ou longo, conforme o grau de evolução que tenhamos atingido.

— Teríamos sofrido, enquanto no plano físico, uma dilatada hipnose?

— Até certo ponto, sim. A passagem pelo claustro materno, o novo nome escolhido pelos familiares, os sete anos de semi-inconsciência no ambiente fluídico dos pais, a recapitulação da meninice, o retorno à juventude e os problemas da maturidade, com as responsabilidades e compromissos consequentes, estruturam em nós — a individualidade eterna — uma personalidade nova que incorporamos ao nosso patrimônio de experiências. E' compreensível que no espaço de tempo, que se nos sucede, imediatamente à desencarnação, a memória profunda esteja ainda hermeticamente trancada nos porões do ser. Isso, porém, é francamente transitório. Gradativamente, reaveremos o domínio de nossas reminiscências...

— O senhor quer explicar que, nesta cidade, sou ainda Ernesto Fantini, a personalidade humana com o nome que me foi imposto na existência que deixei, largando o estudo de minhas memórias anteriores para depois?

— Perfeitamente. Cada um de nós permanece aqui, em núcleos de trabalho e renovação, na vizinhança do plano físico, sob a mesma ficha de identificação, através da qual éramos conhecidos nela. Até que nos promovamos por merecimento próprio a círculos mais altos de sublimação, quedar-nos-emos entre a Espiritualidade Superior e o Estágio Físico, operando no aperfeiçoamento

peçoal, da internação no berço à liberação para a vida espiritual e regressando da liberdade na vida espiritual a nova segregação no berço. Entendeu?

— Aqui somos então examinados pelo que fomos, nas ações praticadas, no tempo de retaguarda mais próximo de nós...

— Isto.

— Somos como éramos, na ficha individual, até...

— Até que as circunstâncias nos indiquem nova imersão no corpo carnal, como recurso inevitável aos objetivos de burilamento a que todos visamos, nas lides da vida eterna.

— Somos quais éramos, em tudo, até mesmo na sinalização morfológica?

— Não tanto. Quaisquer sinais morfológicos se modificam na pauta das ordenações mentais. Isso ocorre, habitualmente, na própria Terra dos Homens, quando a ciência, sem maiores dificuldades, modifica os implementos da máquina genésica da criatura, de acordo com os impulsos psicológicos que a criatura apresente, harmonizando o binômio corpo-alma. Além disso, não nos será ilícito esquecer os serviços multiformes da plástica cirúrgica, que consegue efetuar prodígios no envoltório carnal das pessoas, quando essas pessoas mereçam as melhoras com que a ciência terrestre lhes acena, generosa e otimista.

Fantini se mostrava agradavelmente surpreso pela destreza mental com que o Instrutor sabia colocar-lhe os esclarecimentos precisos na cabeça faminta de luz.

— Caro amigo — tornou ele à inquirição. — Embora o assunto de que vou tratar já tenha sido objeto de consideração na palestra que mantive com o Irmão Cláudio, estimaria recolher-lhe os avisos no mesmo tema... Acontece que ouvi falar de mortos, e de mortos cultos, que atravessaram anos e anos atormentados em zonas inferiores, antes de reconquistarem lucidez e tran-

quilidade; porque não me ocorreu isso, se estou efetivamente desencarnado e se sou um homem consciente das culpas que carrega?

— O estado de tribulação a que se refere é pertinente ao espírito e não ao lugar. Muitos de nós, os desencarnados, suportamos tempos difíceis, em paisagens determinadas que nos refletem as próprias perturbações íntimas. Essa anomalia pode perdurar por muito tempo, de conformidade com as nossas inclinações e esforço indispensável para que nos aceitemos, imperfeitos como ainda somos, conquanto não ignoremos a necessidade de burilamento que as leis da vida nos estabelecem. Somos, por agora, consciências endividadas ou expoentes de evolução deficitária, ante a Vida Maior, carregando o dever de podar os nossos defeitos em trabalho digno e incessante. Enquanto estejamos em desequilíbrio, após a desencarnação, desequilíbrio que é sempre agravado pela nossa inconformidade ou rebeldia, orgulho ou desespero, ameaçando a segurança dos outros, permaneceremos compreensivelmente internados ou segregados em faixas de espaço, junto de quantos evidenciem perturbações ou conflitos semelhantes aos nossos, à maneira de doentes mentais, afastados do convívio doméstico para tratamento justo.

— Então, as ideias do *castigo de Deus*...

— Razoável que as abracemos, até que aprendamos que a Divina Providência nos governa através de leis sábias e imparciais. Cada um de nós pune a si mesmo, nos artigos dos Estatutos Excelsos que haja infringido. A Justiça Eterna funciona no foro íntimo de cada criatura, determinando que a responsabilidade seja graduada no tamanho do conhecimento...

— Instrutor Ribas, como definir, desse modo, o inferno engenhado pelas religiões no Planeta?

— Reportemo-nos a isso com o respeito que o assunto nos reclama, porque para milhões de almas o descon-

forto mental a que se entregam, ao lado de outras nas mesmas condições, é perfeitamente comparável ao sofrimento do inferno teológico, imaginado pelas crenças humanas. A rigor, porém, e atentos à realidade de que Deus jamais nos abandona, o inferno deve ser interpretado, na categoria de hospício, onde amargamos as consequências de faltas, no fundo, cometidas contra nós mesmos. Fácil perceber que a área de espaço em que nos demonstramos nessa desoladora situação venha a retratar os quadros mentais infelizes que criamos e projetamos, ao redor de nós.

— Ouso aprofundar-me em tantas inquirições, por achar-me convencido de que, positivamente, não mereço a generosidade com que me acolhem... Tenho desfrutado aqui uma tranquilidade que não esperava, porquanto transporto comigo doloroso problema de consciência...

— Uma das funções de nosso Instituto é precisamente apoiar os irmãos desencarnados que surgem aqui, sem qualquer prejuízo na própria integridade moral, mas carreando consigo complexos de culpa, suscetíveis de arrojá-los em alterações de maior vulto. O socorro de nossa casa faz-se tanto mais eficaz quanto mais força de fé patenteie a criatura na possibilidade de superação das fraquezas que nos são peculiares. A sua estrutura psicológica imunizou-o contra os delírios de muita gente boa e digna que, às vezes, se obriga a muito tempo nas aflições purgativas dos grandes manicômios a que nos referimos, sanando os desequilíbrios a que se despenham, em muitos casos por haverem dado orientação falsa ao amor de que se nutriam.

Entregou-se Ribas a ligeira pausa, sorriu e alegou:

— Ainda assim, apesar do seu índice admirável de resistência, o irmão não está seguro contra os resultados de seus próprios atos e deve aprestar-se a fim de ser defrontado por eles.

— Esclareça-me, por favor.

— Queremos dizer que você necessita revestir-se de calma para comparecer diante daqueles que deixou no mundo, de modo a compreender-se e compreendê-los... Na esfera física, muitas vezes ouvimos a afirmativa de que é preciso coragem para ver os mortos e ouvi-los!... A situação aqui não é diferente, em relação aos chamados vivos. De maneira geral, todos nós, imediatamente depois da desencarnação, somos levados a cursos preparatórios de entendimento, para ganhar o ânimo indispensável, a fim de rever os vivos e escutá-los de novo, sem danos para eles e para nós...

Os olhos de Ernesto fizeram-se esbugalhados nas órbitas ao assinalar aquelas advertências. Lágrimas grossas deslizaram-lhe na face, enquanto que, como se sofresse a pressão de molas invisíveis, constringendo-o a lançar para fora de si as ideias de culpa, que remoía nos recessos da alma, ajoelhou-se à frente do benfeitor, qual criança atemorizada e gritou:

— Instrutor, segundo creio, meu delito é um só; entretanto, é suficiente para criar muitos infernos em meu espírito. Matei um amigo, há mais de vinte anos, e nunca mais tive paz... Sabia-o no encalço de minha esposa com intenções menos dignas, a espreitar-lhe os passos e atitudes... Via-o sondar minha casa, em minha ausência... Algumas vezes, registei frases inconvenientes da parte dele para com aquela que me partilhava o nome... Um dia, tive a impressão de surpreender nos olhos da companheira certa inclinação afetiva para com o inimigo de minha tranquilidade e, muito antes que minhas suposições se confirmassem, aproveitei o momento que se me figurou oportuno e alvejei-o durante uma caçada a codornas... Atirei para acertar e, satisfeito o meu intento, oculte-me na folhagem, até que o outro companheiro, pois éramos três homens no entretenimento, deu alarme ao esbarrar com o cadáver... A vítima, porém, caíra ao solo em condições tais que a

versão de um acidente senhoreou a convicção de todos os circunstantes... Aterrado perante o meu crime, qual me achava, aceitei, aliviado, a falsa interpretação... Jamais, no entanto, recuperei o sossego íntimo... Ele, o homem que eliminei, era casado, tanto quanto eu mesmo, e não mais tive coragem de procurar-lhe a família, que, para logo, abandonou a região do terrível acontecido, sequiosa de esquecimento... Esse esquecimento, contudo, não veio para mim... A morte que provoquei, como que me trouxe o temido desafeto para dentro de casa... Desde a ocorrência dolorosa, passei a sentir-lhe a presença no lar, à feição de sombra invariável que me ironiza e me insulta sem que os outros percebam... Em meu círculo doméstico, reconheço-me algemado a ele, como se o infeliz estivesse mais vivo e mais forte, a cada dia... Rara a noite em que não lutava com ele em sonho, antes da cirurgia que motivou minha vinda para cá... Então, acordava, como se houvéssemos travado um duelo mortal, para continuar a vê-lo, com os olhos da imaginação, compartilhando-me a vida cotidiana!... Oh! Instrutor Ribas! Instrutor Ribas!... Diga-me, por Deus, se há remédio para mim!... Esperava encontrar, depois da morte, um lugar de punição onde as potências infernais cobrassem de mim a falta que oculte à justiça da Terra; entretanto, estou usufruindo uma proteção exterior que me agrava o tormento íntimo!... Oh!.. meu amigo, meu amigo, que será então de mim, que não mais consigo suportar a mim mesmo?

Assim dizendo, Fantini abraçou-se ao mentor, soluçando qual menino desamparado, suplicando refúgio.

O Instrutor acolheu-o no regaço paternal e consolou-o:

— Asserena-te, meu filho!... Somos espíritos eternos e Deus, nosso Pai, não nos deixará sem arrimo.

Os olhos de Ribas mostravam lágrimas que não chegavam a cair. Dir-se-ia que ele, o competente orientador,

conhecia por si semelhante martírio da consciência, porque, longe de repreender, afagou-lhe a cabeça fatigada, que se lhe abrigara sobre os joelhos, e rematou simplesmente:

— A justiça de Deus não vem sem apoio na misericórdia. Confiemos!...

E sem maior delonga, o amigo espiritual ergueu-se, sensibilizado, apagou o espelho de serviço e encerrou a sessão.

